



# VIVÊNCIAS NA PRÁTICA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA UNIVERSITÁRIOS COM DIFICULDADES EM CONCLUIR O CURSO DE GRADUAÇÃO

Leonídia Aparecida Pereira da Silva <sup>1</sup>

## RESUMO

A permanência e a conclusão bem sucedida no curso de graduação constam entre os principais desafios que o universitário pode vir a enfrentar. O presente trabalho objetiva relatar as vivências no atendimento por meio de plantão psicológico, a dois estudantes com dificuldade de concluir os seus cursos de graduação. Trata-se de um relato de experiência sobre as vivências na prática do plantão psicológico, de modo a focar em dois atendimentos que apresentaram como demanda, a dificuldade em elaborar e finalizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dificultando, conseqüentemente, a conclusão do curso de graduação. Destaca-se que para o relato em questão, utilizou-se de anotações de diário de campo. Durante os atendimentos, foram adotadas as cinco instâncias que norteiam a prática do plantão psicológico e foram realizadas intervenções objetivando fazer com que os estudantes tomassem consciência sobre os aspectos envolvidos com as demandas por eles apresentadas. Foram percebidos fatores internos e externos que dificultavam a elaboração e finalização do TCC. Entre os fatores internos sucederam: procrastinação, não gostar de escrever, aversão à produção científica, preferência pela prática profissional, desmotivação, baixa autoestima e inseguranças com relação à avaliação da escrita. Constaram entre os fatores externos: as expectativas familiares, troca de orientador, mudança de tema, computador quebrado, incertezas com o pós-curso e empregabilidade. Ressalta-se assim, a necessidade em se pensar em ações, a exemplo do plantão psicológico, que possibilitem o suporte psicológico aos universitários, desde a sua inserção na universidade até o seu processo de conclusão do curso.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico, Educação Superior, Promoção da Saúde dos Estudantes, Serviços de Saúde para Universitários, Psicologia Educacional.

## INTRODUÇÃO

Os desafios da vida universitária não dizem respeito apenas ao ingresso nas universidades, mas também à permanência e à conclusão bem sucedida na graduação. Nesse sentido, não é somente a transição do ensino médio para o ensino superior e o seu ingresso propriamente dito que constam entre os principais desafios que o estudante universitário pode vir a enfrentar (COULON, 2008).

A iniciação a esse *status* social de estudante universitário, tem como característica principal as mudanças expressivas nos mais variados aspectos, entre elas, novas atribuições, responsabilidades e desafios os quais demandam tempo e apropriação das regras do jogo do

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Residente de Psicologia da Residência Multiprofissional em Saúde da Criança (REMUSC/SES-PB), [leonidiapereira1@gmail.com](mailto:leonidiapereira1@gmail.com);



saber, além de um novo padrão de vida acadêmica e institucional que influencia diretamente em sua vida afetiva (COULON, 2008). Sendo justamente a incorporação e a firmação desse novo modelo de vida, tida como uma espécie de “profissão temporária” que termina por ser imprescindível para a manutenção da condição de estudante universitário. Nesse sentido, Coulon, (2008) traz a ideia de afiliação como sendo o método através do qual se alcança um novo status social, ou seja, no âmbito estudantil é a incorporação da profissão de estudante universitário na vida diária do aluno.

Consonante a isso, Coulon (2008) alega que “o problema não é entrar na universidade, mas continuar nela” (p. 31). Ele argumenta que a afiliação é a condição basilar para a permanência, sendo justamente a incorporação e a consolidação desse novo modelo de vida, a qual é tida como uma espécie de profissão temporária que termina por ser imprescindível para a manutenção da condição de estudante universitário.

A afiliação não é estática, é dinâmica, está sempre a se fazer, uma vez que a vida universitária traz sempre novas situações (COULON, 2008). O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um desses novos acontecimentos que desafiam o estudante e que podem influenciar em uma auto eliminação, isto é, ele pode ceder ao abandono do curso, ocorrendo a evasão escolar (SANTORO, 2019). É necessário então promover condições que favoreçam a afiliação e, por conseguinte, a permanência e conclusão bem sucedida do curso de graduação (SAMPAIO, 2010).

As perguntas que surgem é: quais os obstáculos ao estabelecimento da afiliação? Quais os fatores que dificultam a permanência e conclusão bem sucedida na graduação? O que pode ser feito para diminuir o processo de exclusão da vida universitária? Do que os estudantes precisam para a permanência e conclusão bem sucedida na referida graduação?

Sobre isso Sampaio (2010) defende que é necessário ouvir mais e considerar que talvez “seja o caso de perguntar aos [...] estudantes universitários, de que tipo de atividades e suporte eles necessitam para progredir com sucesso na vida acadêmica e pessoal” (p. 103). Nesse sentido, é imprescindível o desenvolvimento de espaços para a compreensão e o enfrentamento do sofrimento e/ou das dificuldades que circundam muitas vezes a vida universitária de modo a promover assim, a afiliação nas universidades.

O presente trabalho pretende, então, discutir e refletir sobre a atuação da psicologia no ensino superior de modo a pautar-se em ações que sejam capazes de dar conta das exigências decorrentes de tal contexto educacional. Assim, problematiza-se a herança que, conforme Sampaio, (2010, p. 95) generalizou-se não apenas no Brasil, uma vez que se refere à “ideia de



que a Psicologia da Educação e Escolar (PEE) está voltada com exclusividade para a educação infantil, para o ensino fundamental e o médio”.

Partindo da ideia do trabalho com Plantão Psicológico, acredita-se que o uso de tal modalidade clínica se mostra uma opção para promover o acolhimento, suporte e a ressignificação de demandas relacionadas à universidade. Caracterizando-se enquanto modalidade clínica baseada no modelo de aconselhamento psicológico proposto por Carl Rogers, cujo intuito é atender pessoas que apresentem demandas emergenciais no momento exato (ou quase exato) de sua necessidade, com vistas à promover uma ação terapêutica e preventiva que se completa em si mesma (SILVA *et al.*, 2020; TASSINARI, 2009).

No contexto do ensino superior Oliveira (2016) pontua que essa modalidade tem como cerne a oferta de atendimento psicológico ao estudante em horários programados, em que o profissional de psicologia fica à disposição para prestar suporte psicológico, sem a necessidade de agendamento prévio. Portanto, “constitui um pronto-atendimento psicológico, aberto à demanda espontânea” (p. 164). Além disso, promove a facilitação do acesso dos estudantes à atendimento psicológico, os quais podem retornar posteriormente com novas questões, e possibilita encaminhamentos mais ágeis, diminuindo a inclusão de novos estudantes em fila de espera para psicoterapia (OLIVEIRA, 2016).

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas em dois atendimentos realizados pela autora desse artigo por meio da prática do plantão psicológico. Ressalta-se que a escolha desses dois atendimentos, em específico, se deu pelo teor da demandas trazida pelos dois estudantes atendidos, os quais procuraram o serviço devido ao fato de não estarem conseguindo terminar o TCC, dificultando, conseqüentemente, a conclusão do curso de graduação.

Valendo destacar que a prática do plantão psicológico a qual se refere esse artigo, constou enquanto uma das atividades de estágio supervisionado específico na ênfase clínica da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Tal estágio divide-se primeiramente em específico I, que contemplou o Posto Médico, serviço destinado a atendimentos médico, odontológico e psicológico voltados exclusivamente para alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Em um segundo momento é integralizado o específico II, que realizou-se no Serviço Escola de Psicologia (SEP) da UFCG, serviço onde os estagiários de psicologia podem realizar atendimento psicológico gratuito voltado à comunidade em geral.

Destaca-se que a oferta desse tipo de atendimento no contexto universitário da UFCG surgiu como atividade de estágio a partir de discussões sobre a necessidade de atendimentos



por demanda livre por parte do público universitário e da comunidade em geral que muitas vezes devido às filas de espera para conseguir a psicoterapia individual, acabava não recebendo o suporte psicológico no momento de sua angústia, crise ou sofrimento.

## **METODOLOGIA**

Para a realização do Plantão Psicológico, o plantonista se coloca à disposição em dia e horário específicos no local onde o atendimento será realizado, objetivando atender por demanda livre. Nesse sentido, uma diversidade de pessoas é atendida, trazendo diferentes demandas, levando o terapeuta a entrar em contato com o inesperado, promovendo assim o desenvolvimento de uma prática clínica mais breve e mais focalizada (SILVA *et al.*, 2020).

Cabendo pontuar que essa modalidade de atendimento clínica não intenciona substituir a prática psicoterápica, mas sim constar enquanto um modelo de atendimento clínico alternativo com vistas à ampliação das possibilidades de intervenção perante as demandas sociais contemporâneas, visto que a clínica tradicional por si só não tem como modo de funcionamento, o atendimento à demanda livre emergencial (SILVA *et al.*, 2020; TASSINARI, 2009).

O plantão psicológico realizado no Posto Médico da UFCG se configurou como um espaço destinado ao atendimento a estudantes de graduação da UFCG. Onde ao longo do período do estágio específico I estive disponível nas sextas-feiras, das 16h às 18h entre os dias 25 de maio de 2018 a 27 de julho do mesmo ano. Onde pude atender dois alunos. Já no plantão psicológico realizado no Serviço Escola de Psicologia da UFCG durante o estágio específico II. Estive disponível às quintas-feiras, das 14h às 16h, atendendo durante o período de 6 de setembro de 2018 à 22 de novembro do referido ano. Dez pessoas foram atendidas sendo que algumas eu atendi mais de uma vez. Valendo destacar que quatro dessas pessoas eram estudantes universitários.

No entanto, para fins de recorte e objetivo do trabalho em questão, serão relatadas apenas as vivências no atendimento a uma estudante no Posto Médico e a um universitário atendido no SEP da UFCG, uma vez que as demandas trazidas por esses dois estudantes versaram sobre a dificuldade em elaborar e finalizar os seus TCCs e, por conseguinte, em concluir os seus cursos de graduação. Para tanto, utilizou-se de anotações de diário de campo referentes a percepções e intervenções realizadas durante os atendimentos.

Pontua-se que no decorrer do presente trabalho será adotado o termo cliente que foi proposto por Carl Rogers na ACP para expressar a ideia de relação horizontal entre o



psicoterapeuta e a pessoa que é atendida, diferenciando-se do termo paciente que remete à ideia de relação verticalizada entre esses dois atores (ROGERS, 1992).

Nos dois atendimentos elencados procurei seguir as cinco instâncias ou momentos propostos por Bartz (1977) que incidem na prática do plantão psicológico e na relação cliente – plantonista. Valendo pontuar que os mesmos podem acontecer no decorrer de um único atendimento ou decomposto na eventualidade de atendimentos que forem acontecendo.

A primeira instância ou momento se refere à postura do plantonista em favorecer o desabrochamento da Tendência Atualizante. Conceituação teórica proposta por Rogers para a ACP que corresponde à uma força psíquica inerente ao ser humano e ao seu crescimento pessoal. Para tanto, o psicoterapeuta precisa adotar uma escuta empática, acolhedora e horizontal que oportunize ao cliente um espaço acolhedor que possibilite que ele sinta-se à vontade para se expressar e tomar consciência de suas questões para que assim ele possa maturá-las, pensá-las ou até mesmo solucioná-las (BARTZ, 1977).

A segunda instância ou momento diz respeito à compreensão diagnóstica, por meio da qual o psicoterapeuta será capaz de atingir um olhar clínico com relação ao(s) problema(s) apresentados pela pessoa em atendimento. De forma tal que lhe será mais fácil intervir para sensibilizar o cliente a tomar consciência da situação e/ou para orientá-lo (BARTZ, 1977).

O fechamento do atendimento corresponde ao terceiro momento ou instância e diz respeito ao encaminhamento propriamente dito, o qual é realizado depois da escuta compreensiva e atenta. O quarto momento ou instância se refere à identificação por parte do plantonista se há a necessidade de que o cliente volte a ser atendimento. A última instância ou momento compreende o encerramento, onde é assinalado que caso o cliente sinta a necessidade de retornar, o mesmo pode comparecer ao serviço novamente (BARTZ, 1977).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Destaca-se que devido a questões éticas, os dois estudantes atendidos foram nomeados com pseudônimos, objetivando resguardar a sua privacidade e manter os seus nomes sob sigilo. Para a estudante atendida no Plantão Psicológico do Posto Médico da UFCG foi atribuído o nome de Núbia, e para o estudante atendido no Plantão Psicológico do SEP foi designado o nome Jorge. Pontua-se ainda que foi evitado ao máximo apresentar dados sobre os estudantes, tais como idade, o curso que estava fazendo, além de evitar expor características pessoais, uma vez que o objetivo é focar nas vivências concernentes aos atendimentos, assim como a partir da



experiência prática, tecer considerações sobre as dificuldades estudantis com a conclusão do curso.

A estudante Núbia relatou não estar conseguindo concluir o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a mesma era de um país africano e veio para o Brasil fazer a graduação. No entanto, ela não gostava da cidade onde fazia o curso, mas referia estar melhor, pois estava fazendo seu último estágio em um hospital localizado em outro município. Relatou não gostar de escrever, de produzir artigos e de “alimentar o Lattes”, destacando que o que lhe apetecia mesmo era a prática profissional. Além disso, referiu questões exteriores que a desmotivavam a escrever o TCC, por exemplo, o computador dela que havia quebrado recentemente. A expectativa de sua família com relação ao término do curso e a sua volta com o status de graduada para a cidade natal, além do fato de ter precisado mudar de orientador, uma vez que o mesmo precisou se afastar por um tempo da universidade. Pontuando que a nova orientadora acabou fazendo com que ela mudasse o tema que para ela era motivador.

Destaca-se que entre as demandas trazidas pela estudante, constava a monografia a qual pode ser apresentada por meio do Trabalho de Conclusão de Curso. O TCC representa um importante momento para o graduando, simboliza o fim da graduação (SANTORO, 2019). No caso de Núbia, não representava apenas a pressão que paira geralmente sobre o estudante com relação à conclusão do curso em si, ou seja, se faziam presentes outras cobranças internas e externas que estavam repercutindo na dificuldade em fazer o TCC.

Nesse sentido, apresentei uma postura empática e acolhedora, procurando compreender as suas questões. Intencionando facilitar o caminho para que ela pudesse se ouvir e entender melhor a sua situação e assim pudesse sensibilizar-se para desenvolver maneiras de lidar com as suas demandas.

Além disso, realizei algumas intervenções que fizeram a estudante perceber que a dificuldade que estava apresentando com relação ao seu TCC se relacionava muito com todas as pressões que pairavam sobre ela. Sendo elas: último ano de curso, ter que escrever um TCC sendo que ela não gosta de escrever, família querendo que ela voltasse já graduada para o seu país, atraso no TCC em decorrência de o seu computador ter quebrado e da troca de orientador e mudança de tema deliberada pela nova orientadora. Pontuei ainda que parecia que o TCC era a única coisa que a separava da tão sonhada prática profissional e da volta para a cidade natal. Sobre essas intervenções a cliente expressou que faziam sentido para a realidade dela e ficou reflexiva.

O fechamento do atendimento girou em torno da seguinte intervenção: me parece que o fato de ter que lidar com toda essa pressão aliada a uma falta de sentido no seu TCC, uma vez



que o tema não foi escolhido por você, mas por sua orientadora a faz paralisar. Foi então quando ela respondeu que parecia ser isso mesmo, justificando que o tema anterior que ela havia escolhido, surgiu de um desperdício de alimento verificado em um campo de estágio que foi bastante significativo para ela e o que a motivava no TCC era criar uma comida para amenizar esse desperdício. Após essa fala dela, realizei a seguinte intervenção: não seria o caso de tentar encontrar um sentido para o novo tema de TCC?

Finalizei o plantão psicológico reafirmando que buscar um sentido para o tema atual tal qual ela encontrou para o anterior, poderia motivá-la e fazer com que a escrita fosse menos difícil, uma vez que ela mesma relatou que no TCC anterior a escrita era mais fluida devido à motivação em realizar a pesquisa. Foi conversado com a cliente que aquele atendimento parecia ter encerrado em si mesmo, ou seja, indicava que havia sido completo, não sendo pedido a ela que retornasse para haver uma continuidade. E por fim, ocorreu o último momento que compreendeu o encerramento, onde foi assinalado que caso ela necessitasse retornar devido à atualização das demandas apresentadas ou em decorrência de novas questões, poderia comparecer ao serviço novamente.

O cliente Jorge compareceu ao plantão psicológico do Serviço Escola de Psicologia da UFCG por indicação de uma professora. Referiu estar procurando por ajuda, pois não estava conseguindo concluir o TCC, o qual estava quase pronto há cerca de 2 anos. Após realizar uma escuta empática, realizei a seguinte pergunta: a que você atribui essa dificuldade de terminar o TCC? Ele respondeu que se relacionava com o momento pelo qual ele está passando em que se encontra sem perspectivas, sem sentido e motivação na vida. Pedi que me explicasse melhor sobre isso, Jorge então, falou que o curso em si estava deixando-o desanimado, assim com as perspectivas de atuação após a conclusão do mesmo.

Diante disso pontuei que essa não conclusão do TCC parecia sinalizar problemas e medos que ele estava vivenciando e que não estavam tão claros para ele. Propus então que juntos fôssemos buscando entender as motivações que estavam impedindo essa conclusão e ele concordou. Para tanto, pedi que ele falasse um pouco do seu TCC, qual era a temática, se o tema havia sido escolhido por ele, como era a relação dele com o(a) orientador(a). O estudante explicou que o tema atual havia sido escolhido por ele e que devido a isso, notou que conseguiu escrever bem mais do que na tentativa anterior em que a temática não havia sido de sua escolha. Ao final, ele pontuou que o medo da avaliação era um dos obstáculos que levaram a isso. Referiu também ter uma boa relação com o orientador

Indaguei então sobre o que lhe vinha à mente quando pensava na defesa? Jorge respondeu que não encontrava dificuldades com a apresentação, mas sim com a escrita.



Explicou que o trabalho estava quase pronto, mas que o pouco que faltava, ele não estava conseguindo concluir e que ficava inseguro com relação ao que escreveu, se estava bom o suficiente ou não. Mencionou, inclusive, que desde o semestre anterior, estava evitando encontrar o orientador, mas que recentemente havia encontrado ele inesperadamente.

Pontuei que parecia que dessa vez ele não teve como escapar. Jorge confirmou e contou que o orientador ficou feliz em vê-lo e questionou se ele ainda era o seu orientando, recebendo a seguinte resposta do estudante: “depende se você ainda aceita continuar sendo meu orientador”. O professor disse que sim, justificando que não abandona os seus orientandos. Sobre isso intervi chamando a atenção para o fato de que o orientador ainda estava nesse barco com ele, mesmo em meio às tempestades. O estudante apresentou certa pausa reflexiva e depois acrescentou que queria atuar profissionalmente, mas que para ele poder atuar, “só falta concluir esse bendito TCC”.

Diante dessa fala intervi: você quer atuar e o que te impede é apenas esse TCC. Me parece que defender esse TCC significa precisar provar que você está apto para se graduar. O que significa para você, obter o título de graduação no seu curso? Quais as mudanças que virão com esse título? Peço que você ao sair daqui reflita sobre isso e tente responder internamente a essas perguntas. Jorge ficou pensativo e surpreso. Encerrei o atendimento convocando o estudante a pensar também sobre o que significava para ele concluir e defender o seu TCC e o que significava estar a mercê da avaliação da banca sobre o que ele havia produzido. Ele então, respondeu que estava muito surpreso com a potencialidade do atendimento e que estava se sentindo compreendido e contemplado com a escuta e as intervenções. Por fim, expliquei que ele parecia estar mais consciente sobre as suas questões, como se tivesse alcançado constatações e explicações sobre a sua demanda, assim como possíveis respostas e caminhos a seguir. Expliquei que devido a isso o atendimento seria encerrado naquele momento e que ele poderia retornar com novas demandas ou com essas questões atualizadas caso sentisse a necessidade.

Os casos de Núbia e de Jorge, nos convocam a pensar sobre a procrastinação no contexto acadêmico, a qual acontece ao retardar o início ou a conclusão de ação ou decisão referente às demandas acadêmicas envolvidas com processos de avaliação do desempenho do estudante (SCHOUWENBURG, 2004 apud SANTORO, 2019). Esta atitude pode estar relacionada ao ato de postergar a elaboração de trabalhos, leituras, os estudos e a resolução de exercícios, por exemplo (DAY, MENSİK e O’SULLIVAN, 2000 apud SANTORO, 2019).

Estudos realizados em vários países e com diferentes propósitos, buscaram compreender as principais motivações para a procrastinação, assim como as explicações psicológicas e os





efeitos no modo de se comportar, além de buscar identificar quais eram as atividades mais afetadas por esse comportamento. Constaram entre as causas encontradas, o medo de fracassar e a repulsa com relação à tarefa solicitada. Entre as explicações psicológicas, destacam-se a indecisão e a baixa autoestima (SANTORO, 2019). Consonante a isto, Day et. al. (2000 apud SANTORO, 2019) verificou que a redação de textos, os trabalhos acadêmicos e o estudo para provas, são as demandas mais porstergadas pelos universitários.

Estima-se que 70% dos universitários procrastinam suas a realização das demandas acadêmica. Essa porstergação pode refletir de forma negativa no desempenho estudantil (FERRARI; O'CALLAGHAN; NEWBEGIN, 2005 apud SANTORO, 2019). Em contra partida, autores como Tice e Baumeister (1997 apud SANTORO, 2019) e Ferrari (1992 apud SANTORO, 2019), compartilham do entendimento de que o sentimento de euforia e a pressão decorrente de um prazo que está se esgotando, pode, melhorar o desempenho, pois direciona o foco para que a tarefa seja executada.

Ainda no tocante às questões apresentadas por esses dois estudantes, tem-se que no estudo de Oliveira (2019) em entrevista aos psicólogos da UFPI, foram identificadas as demandas gerais de atuação dos psicólogos (as), a partir da realização de questionários respondidos pelos profissionais participantes do estudo. Entre os resultados constaram: Procrastinação, Desmotivação, Desânimo, Baixa autoestima e a Pressão dos pais e demais familiares, cujas frequências de acontecimento sucederam em 11,11% das vezes em cada uma destas ocorrências. Nesta mesma pesquisa Oliveira (2019) também identificou as queixas escolares por campus relacionadas a fatores institucionais e individuais. A autora verificou que se faziam presentes entre os aspectos individuais, a procrastinação e a desmotivação. Relacionando-se também à esse contexto Igue, Bariani e Milanesi (2008) evidenciam que a satisfação do estudante em suas vivências universitárias poderá ser influenciado pela ausência de um projeto profissional definido e falta de suporte da instituição.

Frente ao até aqui exposto, ressalta-se a importância da atuação do profissional de psicologia no ensino superior no que tange à promoção da adaptação do estudante à universidade e da mesma em relação ao aluno. A prática psicológica nesse contexto educacional pode se manifestar de várias maneiras, contribuindo com a superação de dificuldades dos alunos e com a clarificação e o comprometimento dos diversos atores envolvidos em busca de melhorias no processo educativo. Tais atribuições atendem às demandas que se fazem presentes na atualidade da Educação Superior (MITJÁNS MARTINEZ, 2007).

A importância do tema denota o papel da universidade brasileira e do profissional de psicologia que atua no ensino superior, bem como desvenda a sua responsabilidade frente à



promoção da permanência e conclusão do curso, com vistas à diminuição da evasão escolar entre universitários. Além disso, convoca para o desenvolvimento de ações que considerem o adoecimento crescente entre universitários, chegando em determinados casos a culminar em suicídio (DUTRA, 2012).

Diante disso, conforme Sampaio (2010), defende-se que que é imprescindível expandir o foco da atuação dos psicólogos na educação superior, para que eles não direcionem as suas práticas apenas para questões de ordem cognitiva referentes ao desempenho acadêmico dos estudantes, mas que contemplem também o desenvolvimento de estratégias de atenção integral à saúde do estudante universitário (SAMPAIO, 2010, p. 100). A autora defende a substituição da ideia de “prevenção” pela ideia de “atenção integral à saúde” ou “promoção integral da saúde”. Segundo ela a diferença principal entre prevenção e promoção está em como se abarca o conceito de saúde. A “prevenção põe seu foco na saúde como ausência de doenças, enquanto que a promoção é um conceito afirmativo e multirreferência que propõe um modelo participativo de saúde em oposição ao modelo médico de intervenção” (FREITAS, 2003 apud Sampaio, 2010, p. 101). Desse modo, a busca pela saúde e bem-estar geral das pessoas não se encerra na luta por sobrevivência, diz respeito também à busca por qualidade de vida, sendo uma questão da ordem dos direitos humanos (SAMPAIO, 2010).

Consonante a isto, Oliveira (2016) identificou que psicólogos atuantes na educação superior, consideram positivo o uso do modelo de atendimento psicológico breve e emergencial, por mostrar-se enquanto uma modalidade de promoção integral da saúde, sendo capaz de evitar que se instalem quadros de sofrimento psíquico, perspectivas de abandono do curso, sensação de fracasso, entre outros fatores que põem em risco a permanência na graduação e a conclusão bem sucedida do curso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados encontrados dialogam com a literatura pesquisada em torno da temática, realçando assim a necessidade em se pensar em ações que possibilitem o acolhimento contínuo às demandas dos universitários, desde a sua inserção na universidade até o seu processo de conclusão do curso. Pautando-se assim, em ações coletivas voltadas para a formação e o desenvolvimento de aptidões importantes para o cuidado de si e a qualidade de vida durante a graduação.

Percebeu-se que propostas como essa, do plantão psicológico, reafirmam a necessidade da *práxis* da psicologia no ensino superior a qual deve estar empenhada não apenas na



otimização dos resultados acadêmicos ou na mediação dos processos de aprendizagem, como tradicionalmente se espera, mas também em promover condições favoráveis para uma vida universitária de qualidade.

A prática do plantão psicológico no contexto da educação superior também possibilitou que os estudantes tivessem acesso a atendimento psicológico no momento exato ou quase exato de sua demanda. Realidade essa que não ocorre quando o aluno busca pelo modelo de psicoterapia individual ofertada por psicólogos da UFCG e por estagiários do SEP, uma vez que para essa modalidade é preciso passar por triagem e por lista de espera. Este foi o maior potencial do plantão psicológico, o de possibilitar no “momento-já” o atendimento e o acolhimento das demandas trazidas pelos estudantes.

Além disso, enfatiza-se que plantonista e cliente puderam explorar juntos as possibilidades que surgiam em meio ao atendimento precedido de postura empática, autêntica e pelo interesse da psicóloga em ajudar. Possibilitando o movimento de desdobramento da queixa inicial em uma busca por crescimento e mudança.

Conclui-se que a atuação do psicólogo no ensino superior é necessária por dispor de possibilidades de ação voltadas para amenizar as dificuldades e/ou o sofrimento do público universitário e para favorecer a lida com as problemáticas surgidas. Constando a prática do plantão psicológico, entre as ferramentas que visam dar conta das demandas e dificuldades que envolvem a vida universitária e que são decorrentes do perfil da educação superior na atualidade.

## REFERÊNCIAS

BARTZ, Sebaldo. Plantão psicológico: atendimento criativo à demanda de emergência. V Encontro Estadual de Clínicas-Escola. *Caderno de resumos*, São Paulo, Universidade São Judas, 1997, p. 69.

COULON, Alain. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

IGUE, Érica Aparecida; BARIANI, Isabel Cristina Dib; MILANESI, Pedro Vitor Barnabé. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. *Psico-USF (Impr.)*, Itatiba, v. 13, n. 2, p. 155-164, Dec. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712008000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000200003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 out. 2020.

DUTRA, Elza. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 924-937, dez.



2012 . Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812012000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 07 out. 2020.

OLIVEIRA, Aparecida Beatriz de. *O Psicólogo na assistência estudantil: interfaces entre Psicologia, Saúde e Educação*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil, 2016. Disponível em: <http://www.pgpsi.ip.ufu.br/node/454>. Acesso em: 29 set. 2020.

OLIVEIRA, Fernanda Maria de. *Psicologia Escolar e Educacional no Ensino Superior: atuação do psicólogo no atendimento à queixa escolar da UFPI (Dissertação)*. UFPI, Parnaíba, Piauí, Brasil, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/2136/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Fernanda%20Maria%20de%20Oliveira.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 set. 2020.

ROGERS, Carl Ransom. *Terapia Centrada no Cliente*. São Paulo: Martins Fontes, 1992

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. A Psicologia na educação superior: ausências e percalços. *Em Aberto*, v. 23, n.83, p.95-105, 2010.

SANTORO, Marcos Vinicius Pires. *Relação entre a procrastinação e as dificuldades encontradas pelos alunos de Ciências Contábeis da Universidade de Brasília na produção do TCC*. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis)— Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24091/1/2019\\_MarcosViniciusPiresSantoro\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24091/1/2019_MarcosViniciusPiresSantoro_tcc.pdf). Acesso em: 02 de out. 2020.

SILVA, Leonídia Aparecida Pereira da *et al.* A prática do plantão psicológico em um hospital pediátrico: um relato de experiência. *Revista Saúde e Ciência online*, v. 9, n. 1, (janeiro a abril de 2020), p. 91-100. Disponível em: <https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/382>. Acesso em: 01 out. 2020.

TASSINARI, Marcia Alves. Plantão psicológico como promoção de saúde. In: Bacellar A. *A psicologia humanista na prática: reflexões sobre a abordagem centrada na pessoa*. Palhoça: Editora da UNISUL; 2009.